

ONU afirma que EUA violaram direito internacional com ataque

Invasão à Venezuela foi criticada pela porta-voz do Alto Comissariado das Nações Unidas

As Nações Unidas expressaram na terça (6) sua profunda preocupação com a intervenção militar dos Estados Unidos na Venezuela e alertaram que foi “violado um princípio fundamental do direito internacional”.

Ravina Shamdasani, porta-voz do Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos, condenou os ataques. Em uma coletiva nesta terça (6) em Genebra, ela classificou a intervenção militar dos EUA como um ataque. “Isso envia um sinal de que poderosos podem fazer o que quiserem”.

“Nenhum Estado deve ameaçar ou usar a força contra a integridade territorial ou a independência política de outro Estado”, disse Ravina Shamdasani.

O secretário-geral da ONU pediu na segunda (5) respeito à independência política dos países. António Guterres exortou “respeitar os princípios de soberania, independência política e integridade territorial dos Estados”, segundo declarações lidas em seu nome pela vice-secretária-geral, Rosemary DiCarlo, durante uma reunião do Conselho de Segurança da ONU sobre a Venezuela.

Nesta segunda (5), em Nova York, os governos de Brasil, China e Rússia, entre outros países, criticaram o ataque. Durante o Conselho de Segurança da ONU, o representante do governo de Donald Trump disse que se trata de uma operação policial e que “não há guerra”.

Brasil voltou a condenar a intervenção, mas não citou líderes nominalmente. O embaixador do país no Conselho de Segurança da ONU, Sérgio Danese, disse que o ataque à Venezuela afeta toda a comunidade internacional e cria um precedente perigoso para o mundo. “Não podemos aceitar o argu-



Molly Riley/ Casa Branca

Intervenção de Donald Trump na América do Sul ligou o alerta no mundo inteiro

mento de que os fins justificam os meios”, declarou, diante dos demais países no colegiado.

“Força não pode se sobrepor à lei”, disse o representante do governo Lula. O brasileiro defendeu que o futuro daquele país deve ser construído pelo povo venezuelano, com diálogo e respeito às leis internacionais.

Conselho de Segurança fez uma reunião extraordinária; Brasil não tem direito a voto no colegiado. O Conselho de Segurança é formado por 15 membros, sendo que apenas cinco deles são permanentes e podem votar: EUA, Rússia, França, Reino Unido e China. O encontro em Nova York foi convocado pela Colômbia, após o ataque dos EUA a Caracas, mas a Venezuela também fez um pedido no mesmo sentido.

China disse que o uso indiscriminado da força provocará crises maiores. O representante do país asiático, Fu Cong, afirmou que os americanos “pisotearam a soberania venezuelana” e “colocaram seus po-

deres acima do multilateralismo”.

Os chineses pediram que os EUA garantam a segurança de Maduro e sua esposa. “A China está profundamente chocada e condena fortemente as ações ilegais e os atos de bullying dos EUA que já acontecem há algum tempo”, declarou Cong.

Já a Rússia exigiu a libertação imediata do ditador venezuelano. O embaixador Vasily Nebenzya disse que não se pode permitir que os EUA “se autoproclamem juízes supremos que sozinhos tenham o direito de invadir países”. Ele condenou o ataque armado na Venezuela. O russo afirmou que o conflito deve ser resolvido com diálogo e que “não há justificativa para os crimes” americanos.

“EUA tentam controlar a América Latina”, disse o representante do governo de Vladimir Putin. Segundo Nebenzya, Washington teria interesse nos recursos naturais venezuelanos, principalmente no petróleo.

Representante norte-americano afirmou que “não há guerra” contra a Venezuela. Segundo o país, trata-se de uma operação das forças policiais, “seguindo denúncias que existem há décadas” para prender “um narcotraficante”, em referência a Maduro.

Ataque foi para “proteger americanos do narcoterrorismo”, justificaram os EUA. Na reunião, o país afirmou que não vai permitir que o Ocidente sirva como base de operações para rivais. “Não se pode deixar que as maiores reservas energéticas do mundo estejam sob o controle de adversários dos Estados Unidos”, disse o representante americano, Mike Waltz.

“Maduro é um presidente ilegítimo, ele não é um chefe de Estado. Por anos ele e seus asseclas têm manipulado o sistema eleitoral venezuelano para manter a força ilegítima do poder”, disse Mike Waltz, representante dos EUA.

EUA são um dos cinco países com poder de veto. Isso significa

que qualquer resolução que tente condenar, punir ou restringir ações americanas pode ser bloqueada pelo próprio governo americano. Apesar das limitações, o Conselho de Segurança ainda exerce influência política e diplomática e pode exercer pressão internacional.

Já a Venezuela acusa os EUA de sequestrarem Maduro e disse que o cenário ameaça outros países. “Se o sequestro de um chefe de Estado, o bombardeio de um país soberano e a ameaça aberta de novas ações armadas são tolerados ou relativizados, a mensagem enviada ao mundo é devastadora: o direito internacional torna-se opcional, e a força passa a ser o verdadeiro árbitro das relações internacionais”, afirmou Samuel Moncada, representante do país.

Moncada disse que a Venezuela foi alvo de ataque por causa das riquezas naturais. Também disse que o ataque foi ilegítimo, sem embasamento jurídico e que a captura de Maduro viola normas do direito internacional.

Já a Colômbia disse que os EUA violam carta da ONU. “A Colômbia condena de forma categórica os acontecimentos na Venezuela. Representa uma evidente violação da soberania e independência política e integridade territorial”, diz a representante do país, Leonor Zalabata.

Secretário-geral da ONU enviou mensagem de repúdio à ação dos EUA. Rosemary DiCarlo, subsecretária-geral da ONU para Assuntos Políticos e de Consolidação da Paz, leu a mensagem de António Guterres, que não pôde estar presente. Ele disse estar “profundamente preocupado com o desrespeito às normas do direito internacional” durante a ação dos EUA na Venezuela.

Jubileu da Igreja Católica chega ao fim

Evento excepcional por natureza, por ocorrer a cada 25 anos, o Jubileu da Igreja Católica foi ainda mais incomum em 2025 devido à troca de papas. Aberto por Francisco em dezembro de 2024, o Ano Santo, como é chamado, será encerrado nesta terça (6) por Leão 14.

A cerimônia, acompanhada de missa, está prevista para começar às 5h30 (de Brasília). O ritual na Basílica de São Pedro, com o fechamento da porta santa, aquela localizada mais à direita, será comandado por Leão 14, eleito em maio, após a morte de Francisco, em abril.

Celebrado desde 1300, o jubileu tinha sido aberto e fechado por

papas diferentes pela última vez em 1700, após a morte de Inocêncio 12.

Encerrado o jubileu, já na quarta (7) e quinta (8) Leão 14 reunirá os cardeais em seu primeiro consistório. Não foi anunciado um tema específico, mas, segundo o Vaticano, o encontro será dedicado “à reflexão, à partilha e à oração”. Os 245 cardeais foram convocados para oferecer “apoio e aconselhamento” ao papa.

O jubileu de 2025 foi um evento bem-sucedido do ponto de vista da participação e da organização. Segundo o Vaticano, foram 33,4 milhões de peregrinos que passaram por Roma ao longo do ano, 8 milhões a mais do que no anterior, em

2000, com João Paulo II.

O Brasil aparece em quarto na lista de países com mais participantes nos eventos em Roma, com 4,7%. As três primeiras posições são de Itália (36%), EUA (12%) e Espanha (6%). Para o vereador Mariano Angelucci, presidente da comissão Turismo e Grandes Eventos da Prefeitura de Roma, a troca de papas contribuiu para atrair mais católicos à capital. “A morte do papa Francisco, o funeral, o conclave levaram a uma forte participação nesses dias, que não era esperada”, disse à Folha. Só o funeral levou cerca de 400 mil pessoas à praça São Pedro.

Meses depois, entre o fim de

julho e o início de agosto, o Jubileu dos Jovens recebeu cerca de 1 milhão de peregrinos, o maior público do Ano Santo. “O jubileu foi um sucesso para a cidade”, afirma Angelucci, que destaca a ausência de incidentes graves.

Para a Igreja, o legado ainda é difícil de medir. Por um lado, o público de milhões pode ser considerado uma demonstração de vigor. “Não é fácil encontrar outra instituição do mundo, seja laica, civil ou militar, que consiga levar para uma cidade 1 milhão de jovens de todos os continentes”, diz Iacopo Scaramuzzi, vaticanista do jornal italiano La Repubblica.

Por outro lado, as praças cheias do jubileu não escondem o fato de que as igrejas continuam a se esvaziar mundo afora, com perda de fiéis e sacerdotes. “A Igreja tem seus problemas, a secularização existe e escândalos como abusos sexuais e financeiros aceleraram o distanciamento de muitos fiéis”, afirma.

Esperava-se que o jubileu, cujo tema central foi a esperança, pudesse ser o “gran finale” do pontificado de Francisco, mas sua participação nos compromissos pode ter acelerado a piora sua saúde. Ele morreu dois meses depois.

Por Michele Oliveira (Folhapress)